



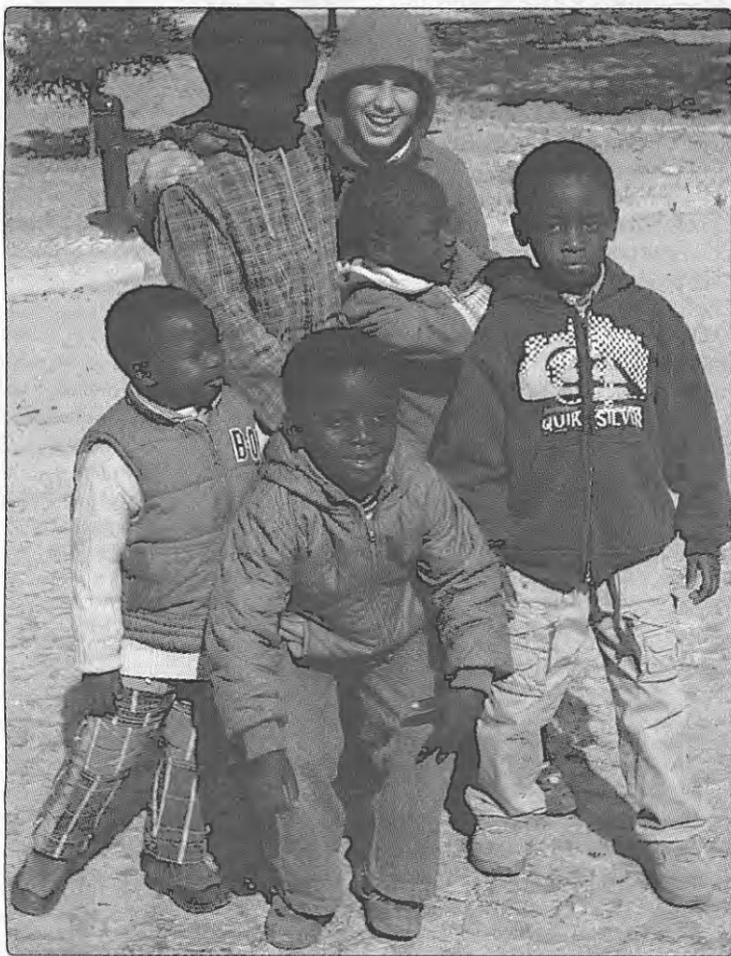
PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL  
DIE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 4 de Julho de 2009 • Ano LXVI • N.º 1704 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA Incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



## SETÚBAL

Padre Júlio

### Aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal

QUANDO Pai Américo anunciou a fundação desta Casa do Gaiato de Setúbal para 1 de Julho de 1955, há 54 anos portanto, a um ano de terminar os seus trabalhos de Recoveiro dos Pobres, num pensamento comprovou os passos acertados que até então dera: «Somos a Obra que o Povo mais ama.»

Outra afirmação, mais antiga que a sua, selava e autenticava a bondade dos seus passos: «Voz do Povo, voz de Deus».

Quem quer acertar no caminho e não fazer obra sua nem dar passos em vão, tem de procurar apoios certos. O primeiro foi o seu bispo, de quem Pai Américo esperava a palavra como explicitação do querer de Deus, mandando-o avançar: «Ande lá, ande lá...». Depois, as próprias autoridades o confirmavam no caminho, mas também o faziam as contradições

dos instalados no mundo e nas suas ideias. No fim o selo do amor, comprovativo dado pelo povo.

Estes são os fundamentos da Obra que Pai Américo iniciou e fez crescer até à idade adulta, mas que fora do tempo teve um novo início no dia da sua morte: «A minha Obra começa quando eu morrer». Até aqui era Deus e ele, agora é ele e Deus. Para nós, trabalhadores da actualidade, este é mais um apoio para além daqueles com que Pai Américo balizou e autenticou a veracidade dos seus trabalhos. E mais que um apoio é uma fonte de vida.

A expressão mística de Pai Américo atrás citada, penso poder chamá-la assim, faz-se visível em nós. Nós somos essa Obra e os actuais frutos do nosso trabalho e do seu junto de Deus.

Tal como nos anos 20, 30 e 40, e por aí fora, não foi a sua iniciativa

a despoletar a grandeza e a beleza dos seus trabalhos, também hoje não é a nossa que nos põe nestes caminhos no meio de um mundo cheio de contradições e falho de Luz. Tal como nesse tempo, o mal do mundo não são os Pobres mas a desumanidade dos ricos em todas as suas formas. Esta é a causa que torna incurável a vida dos Pobres.

Quando há dois anos celebrámos os 120 anos do nascimento de Pai Américo, uma escultora amiga fez um busto seu, com a firme vontade de deixar esculpidos sentimentos que nele viu. Agora, e na data aniversária desta Casa de Setúbal, depois de ter sido passado a bronze e posto à entrada da nossa Casa, ficará também este a ser um apoio para todos os que nele descobrirem os sinais de beleza da vida de Pai Américo, que as mãos da artista deixaram marcados na matéria! □

## ATITUDE HUMILDE

Padre João

À hora em que escrevo ainda não sei se um dos nossos ficará excluído do estágio que estava a frequentar e lhe conferiria um curso profissional, na área da restauração... A matéria é grave. Pedi a um dos nossos mais velhos, já casado que me ajudasse e fosse comigo tentar resolver o assunto. A primeira etapa consistiu em abordar o Rapaz para apurar a verdade da acusação. A seguir fomos ao local do estágio e conversámos com a entidade empregadora; gente próxima de nós, compreensiva e amiga. Que sim!... Estavam magoados... mas iam passar uma «esponja» e perdoar a ofensa. Surgia a hipótese de uma segunda oportunidade... Restava-nos ir à escola com o Rapaz e conversar sobre o assunto. O horizonte era a expulsão!

Pedimos ao Rapaz que fosse humilde; que essa era, naquele momento — e sempre —, a atitude mais difícil e corajosa, mas a única que o poderia conduzir a si mesmo e reparar os danos causados. Na preservação desta atitude — na qual o nosso Rapaz prometeu ser persistente — ao reconhecer que errou, foi decisivo o apoio de um irmão seu, um gaiato mais velho, que o trouxe, há alguns anos, para a Casa do Gaiato, concondido da sua situação familiar dramática.

Da parte da escola, percebeu-se um clima de exigência educativa, incontestavelmente são, como se impunha, aliás. A reunião ia já longa e permanecia inconclusiva. Os professores exigiam um sinal mais claro de arrependimento e um compromisso de mudança exigente. A certa altura alguém lhe falou da mãe... e o «dique» rebentou nas lágrimas abundantes que lhe banharam a face como onda vinda das profundidades de um ser humano ferido... nenhum dos presentes resistiu até que um dos professores recomendou a todos que era melhor «apanhar ar» até à decisão final...

Tarde, mas ainda a tempo. O Rapaz percebeu a mensagem; mensagem que também não passou despercebida aos restantes intervenientes... Que a graça de Deus que habita em cada um de nós o transforme; que ele resista e vá até a ao fim. Será vitória da escola; vitória de todos nós, o seu êxito! Se tal não acontecer, como recomenda Pai Américo, «choremos os nossos pecados». □

## PÃO DE VIDA

### Esperar

SE até as plantas que se cultivam, esperam pela presença humana, mesmo que o seu crescimento seja lento, mas verificável aos nossos olhos, quanto mais aqueles a quem nos devemos.

Esperar pela hora da colheita é a meta de quem se dedica à terra, com mãos calejadas e suor no rosto. «*Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce*» (Mc 4,27).

Estar à espera dos outros e do Outro é próprio da pessoa humana. Revela-se um tempo de impaciência, mas também benéfico. «*Abraão, tendo esperado com paciência, alcançou a promessa*» (Heb 6,15).

Ruminávamos nisto, ao passarmos pela horta desta Casa de família, com filhos marcados por males físicos e deste tempo, quando esmorecemos com a disseminação desenfreada da junça, que abafou o cebolo. Um fitofármaco e a sacha não surtiram o efeito desejável. Este terreno reclama pousio e tratamento adequado.

Em área contígua, de pomar de fruteiras, alguns pêssegos que já pintaram, de encarnado, com o

início do Verão, abafado, foram prudentemente colhidos; e regalararam os nossos Rapazes, à mesa, já em férias escolares, depois de acartarem muita palha.

Alguns, escassos, mas lampeiros, não os deixaram ser saboreados, no almoço comunitário, pois trincaram-nos junto às fruteiras. A fruta, comida directamente das árvores, é uma tentação. O Cristiano foi apanhado em cima de uma ameixoeira e não esperava. *Isto é a Casa do Gaiato...*

Depois da alvorada, a nossa sala de jantar é espaço de espera, desnecessária, se o ritmo dos filhos desta Família fosse o ideal. Na experiência de serem dezenas de irmãos, na maioria adolescentes, constata-se sinais de retardamento da maturidade, cujo fenómeno se tem acentuado socialmente.

Os mais ligeiros são os pequenitos; pois, reclinam-se e despertam mais cedo. Entretanto, ficam a secar, à espera que cheguem os arrastados. Para se partilhar as refeições, devem estar todos; e, nessa situação, não a antepondo à oração matinal.

Muitas pessoas se lamentam, com frequência, da falta de paciência, para suportarem doenças e contrariedades. Sendo o paciente aquele que sofre, a paciência é

uma virtude que implica padecimento, paixão.

Há enfermidades que surgem inesperadamente, como as doenças para as quais não foi encontrada, até ao momento, cura.

Ao longo destes últimos meses, tocaram-nos, com alguns filhos fragilizados, muitas horas de espera, em salas com esse epíteto. Com sentido, esperar pode ser um exercício salutar; e não tempo perdido.

As salas de espera, nomeadamente dos hospitais, são locais privilegiados de escuta, meditação e acção.

Quando o atendimento é humanizado e delicado, não custa esperar, estar na fila e suportar as demoras.

Por causa de um menino, nosso, com nome Divino (!), de 5 anos, sentámo-nos em cadeirinhas, coloridas. Como o ambiente é afável, os males são sublimados. *Quando o mal subsiste, o Bem resiste, o Amor persiste.*

Esta criança foi-nos deixada nos braços, no sul, para ser criada, temporariamente. Numa sexta-feira, perto da Quaresma, em que veio, o trânsito era imenso e esperava-o uma mãe e uma camita lavada para sonhar.

Continua na página 3

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**OS IDOSOS OUTRA VEZ** — Quase todas as pessoas acompanhadas pela nossa Conferência são idosos. Temos-vos falado de alguns deles quando há assunto digno de nota. Que seja do nosso conhecimento, nas últimas semanas, não lhes aconteceu nada de especial que valha a pena ser aqui relatado, para além das situações que o leitor habitual já conhece. No entanto, voltamos a este assunto por causa de uns números a que tivemos de deitar os olhos há dias sobre a tendência de envelhecimento da população em Portugal e nos outros países europeus e o que isso pode ter que ver com a actividade futura das Conferências.

Essa tendência é um facto bem conhecido de todos. Do que alguns poderão não ter uma noção precisa é da dimensão do fenómeno. Segundo estimativas de serviços da União Europeia, Portugal terá, em 2010, 17.7% da sua população com 65 anos ou mais, prevendo-se que esta percentagem suba para 30.9% em 2060. Isto significa que o número de pessoas com 65 anos ou mais passará de cerca de 1.9 milhões para cerca de 3.5 milhões, sendo que destes um milhão e meio corresponde a pessoas com 80 anos ou mais. Alguns poderão dizer que, em cinquenta anos, muita coisa pode acontecer e que estas previsões poderão não se vir a confirmar. Em matéria de demografia não é bem assim. A menos que aconteça algum acontecimento extraordinário, como a tragédia de uma guerra em larga escala que não desejamos, será no sentido atrás referido que a população irá mesmo caminhar.

Há mais um elemento relevante a juntar à previsão que atrás foi referida: não só a percentagem de população activa irá diminuir, reduzindo-se, assim, a capacidade económica para sustentar a população idosa e infantil, como também a precariedade da situação laboral dessa população poderá ser maior do que tem sido nas últimas décadas por razões que estão à vista de todos.

Uma implicação que se pode retirar destas tendências é que será inviável uma orientação que vá no sentido de cuidar dos idosos essencialmente com base na construção de lares e de outros equipamentos que os retirem do seu local de residência habitual. Com quase um terço da população nesse estrato etário, isso teria um custo elevadíssimo. Assim sendo, se mais razões não houvesse, será necessário ir até onde for possível no sentido de providenciar apoio domiciliário aos idosos e responsabilizar as respectivas famílias nesse sentido, em vez de assentar o cuidado dos idosos em equipamentos e serviços que substituam aquilo que as famílias podem e devem fazer, até onde lhes for possível.

A tendência nos últimos anos não tem sido esta. Infelizmente há cada vez mais famílias que se desresponsabilizam relativamente ao seus membros idosos, não fazendo tudo o que está ao seu alcance para cuidar deles. É preciso fazer pedagogia, por diversas formas, para inverter esta perigosa alteração nas mentalidades. Os idosos do ano 2060 são os jovens de hoje. É preciso que eles tenham a noção que o seu bem estar vai depender muito da maneira como educarem os seus filhos, coisa de que as gerações mais antigas tinham bem consciência, mas que se tem vindo a perder. Se, em vez disso, forem pelo caminho de desresponsabilização das famílias relativamente aos seus idosos, poderão acabar mal os seus dias.

Como dificilmente haverá Estado e IPSSs que cheguem para acudir como deve ser a tanto idoso nas décadas que aí vêm, as Conferências Vicentinas e outras organizações do género que já hoje dedicam a maior parte do seu esforço a este grupo de população serão cada vez mais precisas. Essa necessidade, infelizmente, será tanto maior quanto menos as jovens gerações presentes forem educadas nos deveres que têm para com os idosos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

**DIA DE PAI AMÉRICO** — Como já noticiado em edições anteriores, está marcado para o Domingo, 19 de Julho de 2009, o encontro-convívio dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte. Este ano fica associado à inauguração da remodelada e mais funcional casa-Mãe, pois bonita sempre o foi. A cozinha será estreada para confeccionar o almoço para todos os que quiserem partilhar conosco a alegria do convívio em família. Haverá também muita animação e algumas novidades para abrilhantar o dia, nomeadamente uma exposição sobre a vida e obra de Pai Américo no refeitório dos grandes e uma tómbola junto à casa 4 e ainda uma exposição de pintura.

Do programa já delineado, consta a reunião da Assembleia-geral prevista para as 09h30, no salão de festas; às 11h00, será a romagem ao túmulo de Pai Américo, na nossa Capela, com a deposição de um ramo de flores. A Missa está prevista para as 11h30, no largo junto à casa 3. Segue-se o almoço às 12h30, junto ao campo de futebol, seguido do café no Bar. O jogo de futebol entre os antigos gaiatos da Associação e a equipa da Casa do Gaiato, está marcado para as 15h00. Das 17h00 em diante haverá música ao vivo com algumas novidades surpresa. Na piscina também haverá uma prova de natação de estafetas compostas por 4 gerações de gaiatos. Apelamos muito encarecidamente, que nos façam chegar as vossas confirmações com o número de familiares para podermos confeccionar o almoço, pois somos contra todos os desperdícios. Cada família deve trazer um bolo para partilhar a sobremesa. Os contactos são 912163569 ou 917414417, ou directamente para a Casa do Gaiato, telef.: 255752285.

**LOJA SOCIAL** — Continuamos a receber dos nossos benfeitores algumas encomendas, como objectos de decoração e têxteis-lar, livros, quadros, medalhas, brinquedos e colecções diversas, etc. Damos nota dos seguintes benfeitores: antigo gaiato «Varela» trouxe-nos um vídeo VHS e algumas medalhas de várias cidades de Portugal, também a Laura Couto, de Penafiel, e o associado Rogério Mourato, de Paço de Sousa se lembraram de nós.

**CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS** — Continuamos a receber novos sócios a saber: Avelino Moreira e António Sousa, de Urró; Pedro Sanches «Barata», de Mouriz; Fátima Marisa Pereira, de Lousada. Sejam todos bem-vindos, pois a associação será o que todos juntos fizermos por ela. Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado das cotas para o ano de 2009. Todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contacta-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417.

**GRUPO DESPORTIVO** — Futebol: Continuamos a pedir aos Antigos Gaiatos para comparecerem aos treinos, aos Domingos, da parte da manhã, nas instalações desportivas da Casa do Gaiato. Atletismo: Participamos na prova de atletismo de Castelões — Penafiel com mais dois novos atletas, o Vítor II e o «Bonga». Participamos ainda nas corridas das festas da cidade do Porto. □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## SETÚBAL

Daniilo Rodrigues

**CICLO DA VIDA** — Hoje deume aquela tal vontade de desabafar algo com O GAIATO. Já havia um tempo em que não escrevia sobre o trabalho do estudante e então, com o desfecho do ano escolar, veio mesmo a calhar. A escola é a fábrica do seu trabalho. Nela, ele deposita o seu esforço, vontade, personalidade e, no final de cada trimestre, recebe o que lhe é devido: notas. Não aquelas que definem um traço de ganância que há muito se anda a desenhar por gestos incontrolláveis do Homem, mas sim aquelas que agora reflectem o seu desempenho. Desde então, me questiono se alguma vez cairá o estudante nas graças da sua reflexão e se redimirá a traçar um caminho onde possa caminhar sem turbulências. Não andaria ele melhor descalço na areia e calçado na estrada? Cada qual no seu lugar. Então mas se ele escolher o caminho mais difícil, não terá dificuldade? E no mais fácil não terá mais facilidade? Claro, se andar descalço na estrada, esta queimá-lo-á e pedrinhas o impedirão de continuar a sua jornada, atormentando-o, e se andar calçado na areia esta lhe trará

comichão e encher-lhe-á os sapatos de peso que será difícil avançar.

Mas, se ouvirmos o nosso coração, se fecharmos os olhos e sentirmos o nosso trabalho crescer, não nos sentiremos orgulhosos? Ora essa! Claro! A escola não é algo que se remete apenas a uns conhecimentos e, depois, a um coração... blindado, digamos assim.

«O estudante dá tudo pela sua escola!», diz a directora, e «não por si!», pergunto eu; é por isso que alguns falham. Constroem e idealizam a sua «própria» escola e perdem-se, meu Deus!

Pois, é esse o pior erro da humanidade. Tirar da cabeça o que não se consegue tirar do coração. Dizer algo sem pensar e pensar em algo e não dizer.

O rapaz da rna nasce, torna-se gaiato e, enquanto cresce, aprende a construir um caminho de «calçada», algo duro, e quando se torna Homem caminha no que construiu. Se for forte nunca cairá, mas pode tropeçar e se for degredado cairá até não se levantar mais, pois a grande glória do Homem não se contém apenas

no facto de nunca ter caído, mas sim no facto de se levantar sempre após cada queda.

Em suma, não é um talento chegar aonde muitos nunca chegaram? É. Isso é, sim senhor. Mas também é verdade que um grande talento, só o é, provindo de uma enorme força de vontade.

Há Gaiatos com vontade de serem Homens, meu Deus, confesso, era aqui que queria chegar. Há gaiatos na escola. Há gaiatos com inteligência. Há gaiatos com talento. Há gaiatos que estudam, mas não chegam a todo o lado, não assim tão facilmente.

Eles bem lutam, que en sei! E as suas pegadas ficam pelo caminho. E o caminho reflecte o que construíram. E o que construíram? Verdade, força, ambição. Algo deles. Constroem o seu talento. E o talento vem da escola e do seu trabalho. É assim o ciclo da vida.

Apesar disso, muitas vezes fechamo-nos no quarto a pensar se realmente somos alguém no mundo. Mas não era melhor pensarmos antes que poderíamos ser o mundo de alguém?

Bem, poderia ficar a noite toda a falar convosco, mas o nosso Padre Júlio está aqui a dizer que já está na hora de dormir. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**AGRO-PECUÁRIA** — As temperaturas do ambiente subiram muito, o que foi bom para a palha de aveia, nos nossos campos. No princípio de Junho, procedeu-se ao corte para secagem, nos terrenos, da palha. Depois, desde meados desse mês que se foi enfardando. Não cresceu tanto como se queria, mas deu umas boas centenas de fardos; que foram guardados no palheiro e noutras arrecadações, pois ainda há palha do ano passado. É um trabalho difícil, devido ao peso dos fardos, à poeira e ao calor.

O milho grão tem crescido bem e exige boas regas para ficar verde. O campo, da terra nova, está bonito. O milho é preciso para alimentar os nossos animais. Os batatais, na terra dos grilos, estão lindos. As batatas fazem-nos falta na nossa alimentação.

Na horta, os feijoeiros foram estacados com canas e agora já podem trepar. As aboboreiras que foram se-

meadas, no pomar, estão a desenvolver-se e precisam de ser regadas.

A 13 de Junho, contámos os nossos coelhos e o resultado foi 50. De vez em quando, alguns perdem a vida.

**ESCOLA DO 1.º CICLO** — As actividades da nossa Escola Básica do 1.º Ciclo, da Casa do Gaiato, terminaram a 19 de Junho. No dia anterior, pelas 19.00h, realizou-se uma festa de final de ano lectivo, no nosso salão, limpo e alindado. Como a Escola está aberta a algumas crianças da vila, os pais e as mães dos alunos e alunas trouxeram alguns bens alimentares para o jantar, convívio. Antes, houve um espectáculo de teatro, música e danças, a cargo dos Professores Ângela e Mário e do Professor Paulo Sousa, com a participação dos nossos Rapazes. Foram entregues diplomas e livros de curso aos Finalistas (4.º Ano). O nosso Padre Manuel disse algumas palavras de parabéns e agradecimento. O Sr. Director do

Agrupamento, Prof. Fausto Luís, esteve presente.

**VISITANTES** — Entre os Amigos que nos visitam, não podemos deixar de referir algumas visitas recentes. Vários Amigos de Castelo Branco vieram até nós, de autocarro. Participaram na Eucaristia Dominical, a 14 de Junho, pelas 10.00h, em que foram lembrados os seus que já partiram. Prepararam um bom almoço e, depois, uma merenda agradável. Foi um dia de grande convívio e amizade. Vêm sempre com muito carinho e generosidade por nós. Muito obrigado, a todos!

De Pelariga e Machada, tivemos uma visita da catequese, a 6 de Junho, Sábado, dois anos depois da anterior. Os Amigos que vieram, partilharam uma boa merenda e simpatia. Bem-hajam!

De Fornos de Algodres, a 8 de Junho, veio uma visita escolar. De Abrantes, veio outra visita da Catequese, a 21 de Junho, Domingo, de tarde.

Obrigado! □

## PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

**DESPORTO** — Mais um jogo; e o regresso às vitórias. O nosso adversário foi o F. C. Ribas, 2.º classificado da A. F. Penafiel. Com eles, veio muita gente. Parecia que se ia disputar a Final da Taça Agrival. Gente boa, mas ruidosa que chegue; claro!, no bom sentido. Não estão habituados a perder, nós também não; daí, um jogo para gente de «barba rija».

Foi uma primeira parte disputada taco-a-taco. E a prova disso mesmo, é que fomos para o intervalo com 0-0 — e sem comentários!

Na segunda metade, começou com o mesmo ritmo, e dava-me a ideia que pouco mais havia a fazer. Mas não! Abílio, o «pequeno diabo vermelho», resolve e inaugura o marcador; «Bolinhas» jogou bem e marcou

um golo daqueles a fazer lembrar os tempos em que ele jogava regularmente. Agora, está... a «curar as mazelas» e «redondinho» que chegue! Como não há duas sem três, Abílio, volta a marcar. E já muito perto do fim, o adversário marcou o golo de honra. Resultado final: 3-1.

Este jogo foi dirigido pelo senhor Hugo Alexandre Santos, que fez um trabalho excelente. Não chamou a si o papel principal, deixando jogar, contribuindo assim, para que ninguém se sentisse prejudicado no final do encontro.

Um resultado justo, a premiar o trabalho das três equipas. Assim, toda a gente saiu do campo a cantar vitória...!

Quinze dias depois, foi a vez de

recebermos os Juniores do C. C. R. Raimonda, da A. F. Porto. Um jogo difícil! Eu sei, que o calor não estava meigo, mas... os «gordinhos», «velhinhos» e cansadinhos não resistiram à pressão do adversário. Preocupavam-se mais em reclamar, do que fazer o trabalho que lhes competia.

Maneira simpática de tapar o sol com a peneira! Dentro das quatro linhas, também se pode/deve jogar... muitas vezes sem bola nos pés!

«Pretinho» fez o seu primeiro golo da época. Colocando-nos assim, na posição de vencedores. Eles não gostaram do que viram, e, verificando onde estavam os nossos pontos fracos, fizeram rapidamente três golos e alteraram o placar para 1-3.

Chegámos ao intervalo e fizemos algumas alterações. Entrou sangue

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**D**AR contas aos leitores do que me vão dando para o Património é uma manifestação do amor de DEUS, revelado no coração dos que se afligem comigo, nas atribuições dos Pobres.

É uma comunhão posta a circular, para que estimule cada leitor, a dar graças e a imitar as boas obras, feitas no segredo da Presença Divina.

São muitos, os amigos que me pedem o anonimato. Sinto nas suas palavras, não só a exigência evangélica: *Quando deres esmola, que a tua esquerda não saiba o que fez a tua direita* — mas até um escrúpulo de grande delicadeza interior: nem sequer desejam recibo, o qual, nunca quebra o preceito evangélico. Entretanto, costume respeitar o pedido.

O GAIATO, desde os seus alvos, sempre pôs o acento tónico na exortação de Jesus, divulgando de forma discreta as dádivas e encobrindo as suas fontes pessoais, sem nunca cair na vulgar tentação de espicaçar a vaidade humana, como fazem tantas publicações, mesmo católicas.

Vou começar pelos cem euros: *«Aqui tem Padre, para aliviar as suas dores de cabeça. Realmente não se vê Deus... mas sente-se uma certa inquietação. Ele anda por aí metido em qualquer brisa!...»* É por Ele, meu amigo, que nos consumimos e gritamos!...

De Aguiar da Beira: *«Para ajudar o seu apostolado de Bem-fazer»*. De Palmela: *«Como todas as suas palavras, é nelas, nos seus actos que eu vejo Deus!...»* De Coimbra, 50 euros para o Património e cem para África; a mulher do assinante 26049; velha Amiga da Casa de Repouso de Enfermagem: *«Embora a nossa amizade seja*

*muito antiga, hoje ela é o meu elo de ligação à Casa do Gaiato»*; de Dornes; Casal de Sesimbra enfrentando doença grave da esposa. Suplicámos ao Senhor muita confiança e, se do Seu desígnio, também a cura. De Cascais a pedir-me oração pela família e *«com pena de não poder enviar mais»*. De Setúbal, querida Amiga a quem prometi uma visita, brevemente. Em Mira, várias vezes cem, um amigo sempre pronto a servir e o mesmo, de outro em notas, num retiro do Padre James; com dez de uma Nora viúva.

Passo agora, aos cento e cinquenta: *«A causa que me levou a juntar-me a vós, foi o pagamento de uma dívida ao banco, para salvar a habitação de um antigo gaiato»*. Uma Vicentina a pedir-me oração pelo esposo falecido há cinco meses: *«as prestações das casas são as nossas maiores dores de cabeça. O pão, os agasalhos e a escola vamos conseguindo resolver mas, as dívidas aos bancos, não nos é possível!»* De Vila Nova de Gaia: *«Li, ontem à noite, a crónica (...) que muito me impressionou e inquietou»*. Os pobres são sempre uma graça que nos livra da instalação.

Vamos a seguir para os 200 euros. De Beja, a pedir-me notícias pessoais. Do Porto: *«Meu marido e eu participamos para os seus pobres»*. Bairro da Encarnação, Lisboa: *«Uma migalhinha»*. De Cardigos, citando-me: *«Pode ser que alguém se sinta convidado. Embora com pouco pareceu-me que o convite também me era dirigido. Que pena tenho de não ter muito!»* Graças a Deus por ter respondido. Os que têm muito, ficaram calados. Deus vê nos corações,

não olha para as carteiras nem para as contas bancárias.

*«Pai Américo está a ajudá-lo»* diz uma Senhora de Gavião cujo *«ordenado vai chegando para o pão nosso de cada dia»*.

*«Esperando ouvir do Senhor, quando chegar à Sua presença: tive fome e deste-me de comer...»* É uma assinante de Reguengo.

*«Duns Pais cuja dor só cessará quando se encontrarem com a sua Filha no Céu»*, 215 euros.

*«Quem reza todos os dias por nós e sabe que a oração, embora não mate a fome física, quando feita de coração e alguma mortificação, tem efeitos espiritualmente surpreendentes»*, 300 euros.

*«Um pequeno contributo das quatro filhas pelas almas de Maria e Fausto»*, 250 euros. Celebrei por eles. A mesma quantia de Casalde-Anão Rôge, e da Teodora para abater na promessa de mil.

Setecentos e cinquenta, do assinante 58942, do Porto; e, com um cartão cheio de amizade, o Alfredo, também da Invicta, envia quinhentos. Com igual quantia, a Maria José, de Coimbra: *«Tinha ideia de que, quando fosse à Baixa, comprar uns sapatos para o meu gosto. Assim renuncio a eles, e o sr. Padre Acílio empregá-lo-á da melhor maneira»*. Como os pobres são veículo para a conversão dos corações!... A Maria e o José, de Setúbal, *«com um abraço e votos de Santa Páscoa»*, não se ficam atrás. O mesmo manda a Piedade: *«Só quero que rezem por mim»*; e uma empresa de Perafita.

Com mil, o assinante 13863, confidência: *«Continuo a caminhar com O GAIATO, procurando ser útil a quem sofre»*. O Guilherme manda a mesma importância e pede discrição.

Mais, dois mil de um padre pobre, e, outro tanto, de uma empresa de Setúbal; e a pedir *«uma oração por um mundo mais pacífico»*, 1.200 euros, de Coimbra.

A Companhia do Batalhão de Caçadores da Estremadura, em Margão, reunidos nas Caldas da Rainha, remeteu 170 euros.

A Lígia é uma presença contínua na Obra da Rua, 60 euros. A mesma importância manda a Maria Emília, sendo dez, da Maria da Conceição. 25 euros, de Peniche, e da Rua Alves Redol, de Lisboa; mais, 45 euros, da Av. Infante Santo; mais, dez, de Olivais Sul, e o mesmo da Cova da Piedade. Cinquenta, de Maria Susana, todos os meses, com mensagens de crescente fraternidade; da Rua dos Mártires da Liberdade com abundante carinho; do Ameal; com o número de contribuinte, a Maria Alice; Assinante

17057, a dizer: *«Não é renúncia quaresmal mas um dever de consciência. Há pouco tempo tive um problema monetário e um grande amigo deu-me o que faltava. Como católica é a minha vez de lhe enviar esta migalha»*. De Matosinhos, duas vezes; Maria Graciete, de Coimbra; o Alfredo, da Covilhã; a Maria Oliveira, com grande abertura maternal e confiança em Deus, repete o seu cheque de 50 euros.

As Senhoras de Castelo Branco, de visita à nossa Casa de Miranda do Corvo, entregaram-me 675 euros. Quinhentos, dei-os ao Padre José Maria, de Moçambique.

Deus seja louvado!...

A direcção postal do Património dos Pobres:

*Lar do Gaiato*  
*Trv.ª Padre Américo*  
*3000-313 Coimbra. ☐*

## CALVÁRIO

Padre Baptista

## Inquietação

**U**M senhor abastado, com vida organizada, materialmente estável, veio ter comigo e desabafou: — Os senhores ajudam os Pobres. Fazem tudo o que podem por eles. Defendem-nos e protegem-nos. Têm-nos como amigos. Ora, nós os ricos, também precisamos de ajuda. Porque, afinal, também somos pobres: há em nós, tantas vezes, um vazio enorme.

Ora, aqui está uma pessoa honesta, inquieta, desejosa de ser ajudada. Este senhor, ao dizer-se rico, estava naturalmente a pensar nos bens materiais que possuía. Mas a riqueza em si mesma não é um mal. Às vezes, até se torna útil. É um mal, sim, quando ela se enraíza no coração e o torna duro, egoísta, e insensível aos outros. Normalmente, os ricos lutam pelos bens e estes tornam-se a razão única do seu viver. Acumulam sempre mais. E então, a riqueza apropria-se do homem e torna-o escravo. Quem possui quer sempre mais. E assim, vive numa inquietação constante.

Alguns ricos aproximaram-se de Jesus e pediram-lhe para os ajudar: sinal da insatisfação que a riqueza lhes provocava. Por isso, desejaram os Seus conselhos. E o Mestre a todos apontava o caminho do desprendimento radical, não apenas dos bens materiais, mas tudo o que prende o coração do homem. *Deixai as redes!* A cura para a prisão que os bens provocam só pode ser a do desprendimento, ou seja, ter um coração pobre. E este é aquele que vive liberto das amarras que o prendem.

Um coração pobre é a maior riqueza que se pode possuir. Ele está sempre aberto aos outros, e estes, suplicantes, ajudam-no a sair de si mesmo e a viver a alegria da partilha e da comunhão.

Foi com corações pobres que Cristo se serviu para espalhar a riqueza da Sua mensagem.

É certo que, às vezes, os pobres invejam a riqueza material dos ricos, mas então continuam pobres. E os ricos, que se desprendem dos seus bens, tornam-se mais ricos na Verdade.

A pobreza de espírito é a chave da Verdade para todos os desequilíbrios sociais e para todas as angústias humanas.

Os doentes desta Casa são pobres de bens, de cultura, de importância social. Mas quantas lágrimas já não vi no rosto de quem os visita. É que eles são ricos em generosidade, em empenho e amizade uns com os outros. Têm um coração pobre, mas é neste que se encontra a sua verdadeira riqueza. ☐

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Como outras, acolhidas recentemente, de tez negra e mexido, na sua vez, saltou para o consultório de Médica, nossa Amiga. No mesmo dia, foi possível ser observado em três especialidades.

Quem presta cuidados de saúde, com sabedoria e carinho, procurando debelar doenças, para aumentar o bem-estar das populações, não pode deixar de estar na linha da frente, em serviços acessíveis às camadas mais simples e pobres.

Saturam as parangonas de futilidades, pelo que é justo colocar em cima do alqueire, os nossos encómios, a quem serve e bem.

Nos Hospitais da Universidade e no Pediátrico de Coimbra, a dedicação é um distintivo de quem acolhe, espeta agulhas e ausculta os batimentos cardíacos.

A humildade de aguardar, com serenidade ou angústia, irmana aqueles que se sentam nas salas de espera, diariamente. Aproxima-nos da verdade inteira da nossa condição, de barro frágil, mas engrandecido pelo sopro divino.

Foi bem longa a espera da humanidade por Jesus, para quem *mil anos, a Seus olhos, são como o dia de ontem que passou*. O Altíssimo assumiu a nossa carne, também, para que, *hoje*, na terra, aconteça a aventura da esperança, a confiança que nos move e a âncora segura para não desesperar. ☐

## LAR DO PORTO

Casal vicentino

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Nesta fase crítica em que vivemos economicamente com muitas dificuldades, os nossos irmãos estão cada vez mais pobres, as famílias carenciadas aumentam e o nosso poder de resposta diminui, pois as carências são cada vez maiores, para medicamentos, para alimentação, água, luz. Tudo isto são despesas que as famílias que nós ajudamos nos fazem sentir. Nós, os vicentinos, que levamos sempre uma palavra de conforto e amor..., o Evangelho ensina-nos a sofrer com eles as suas mágoas, as suas aflições. Quanta dor nos fica no coração, porque não temos como valer a tanta necessidade... Quantas famílias existem que não têm que pôr na mesa para os seus

filhos, porque nas visitas realizadas por nós, nos apercebemos de quanta falta faz a nossa pequena contribuição, para os seus encargos familiares.

Dizia S. Vicente de Paulo, «se a caridade é uma flor, a cordialidade é o seu perfume». Isto cria uma relação de laços muito fortes de amizade entre o visitador e visitado, um clima de cumplicidade, de amizade no princípio de ser vicentino, benéfico para um e para o outro. Nós, vicentinos, temos um papel de apaziguadores cada vez maior, nestes conflitos sociais que, cada vez mais, são mais frequentes, nas famílias carenciadas. Nós não cessaremos de perseguir as nossas caminhadas em favor dos nossos irmãos. A nossa luta em ajudar os mais necessitados é cada

vez mais necessária.

Vamos todos de mãos dadas pedir ao Pai que nos dê coragem e força para levarmos este nosso trabalho com amor e carinho, para diante.

**RECEBEMOS** — Amiga, de Gavião, o seu donativo. Emília, de Gaia, dez euros. Um vale, de Arouca. Judite Álvares, quarenta euros, mais roupa e alimentos. Nair Guedes, cinquenta euros. Fiães, cem euros. Emília Ferrão, dez euros. António Augusto, cinquenta euros. Emília, do Bonjardim, o seu donativo. Maria Inês, cinquenta euros.

A todos o nosso muito obrigado.  
O nosso endereço: *Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. ☐*

novo com vontade de jogar para alterar o resultado. E assim foi!

Numa segunda parte completamente diferente e com todos os condimentos para um bom jogo de futebol, acabou por se virar o feitiço contra o feitiço: *Gaiato 4 — Raimonda 3*, resultado final.

Ficou mais uma vez provado de que jogar a bola com chuva ou com sol, é para quem sabe e sobretudo, para quem quer e gosta de trabalhar, para que a equipa obtenha sempre um bom resultado. Não é baixando os braços, quando tudo parece estar perdido, que se resolvem os problemas. Que o diga o Joel — senhor Torres s.f.f. — que quase sem dormir, devido ao estágio que anda a fazer, foi, sem dúvida alguma, o melhor em campo.

Tem tanto de «refilão», como de bom Rapaz e de bom jogador.

**AGRADECIMENTO** — No dia 7 de Junho, deslocou-se ao estádio do Dragão, uma representação desta Casa, dos quais fazia parte o Daniel e o Wilson, dois «batatinhas», acompanhados por uma pessoa responsável para assistir ao «Roc Race of Champions» — corrida dos campeões — a convite da direcção do evento, e ao mesmo tempo, para receberem o valor do leilão do capacete rubricado por todos os pilotos que participaram no evento. Fomos muito bem recebidos por todos, especialmente pelo Dr. Nuno Freitas, senhor Ni Amorim, ilustre presidente da organização e pela D. Joana Lemos a quem foi entregue, por mérito próprio, o respectivo

capacete, junto ao pódio, e na mesma cerimónia da entrega dos respectivos troféus aos vencedores da corrida. Não podemos esquecer o senhor Castro Fernandes bem como a D. Manuela, que deram os primeiros passos, o que foi fundamental para que tudo corre-se da melhor maneira. A todos os nossos sinceros agradecimentos e, sem querer ser atrevido, dizer-lhes que, no futuro, nunca se esqueçam de nós! Bem-hajam. ☐

**Tiragem média**  
**d'O GAIATO, por edição,**  
**no mês de Junho,**  
**48,650 exemplares**

## A Família Angolana

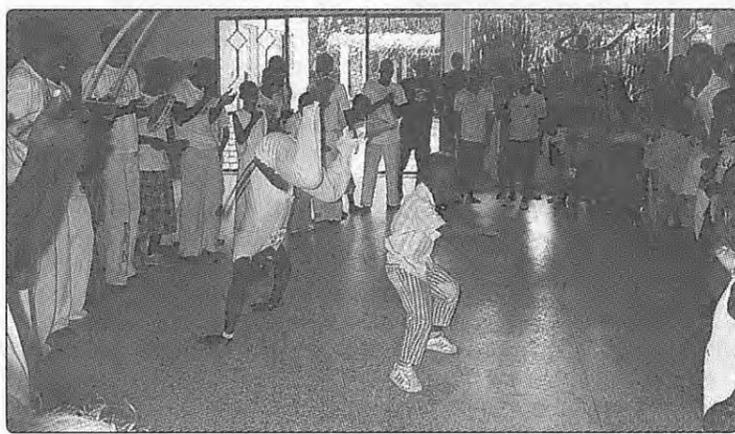
Padre Carlos

É já com os pés em Portugal mas com a atenção ainda muito dividida entre cá e lá que escrevo estas notas.

Vim sem conseguir saber — senão de uma única Escola, distante e isolada por enquanto, na Benguela nova que projectaram para trás do morro da Senhora da Graça — os resultados do primeiro período escolar terminado em meio de Maio. Nem ao findar ele, nem durante a quinzena de férias, nem após elas, «houve tempo» para as reuniões de avaliação em todas as outras Escolas da 7.ª classe em diante; e são mais quatro as que rapazes nossos frequentam. Sem contar as oito salas quem funcionam em nossa Casa: de manhã as quatro primeiras classes; de tarde, a 5.ª e a 6.ª.

Na dita Escola exemplar, à entrada, o painel perfeitamente organizado com os resultados; e na Secretaria, um bom acolhimento. Mas a Escola deserta de alunos e professores, que essa primeira semana — dizem — é costume não haver aulas. Se calhar para descansarem todos das férias...! Mas ali — também nos informaram — estavam marcando faltas. Nas outras Escolas quando reabrissem (o que terá sido, se foi, na semana de 8/Junho), ditariam aos alunos as notas e eles as levariam aos encarregados de educação... Eis um processo correcto e seguro de lidar com informação tão importante!!!

Vim magoado com esta Escola que não instrui nem educa num País que começa e tem de se assumir. E pensando que, ao menos em nossas Casas, que oferecem das melhores instalações porventura possíveis de encontrar em toda a Angola, não é esta a nossa missão principal, mas sim que a Escola ajude a formar cidadãos válidos que a tenham por instrumento insubstituível de progresso em conhecimento e em princípios.



de Festas e de Lazer. Foi hora e meia de saudável entretenimento, a que aderiram com mais ou menos jeito, vários dos nossos adolescentes, alguns «Batatinhas» e poucos dos maiores.

Os nossos padres terão de lutar por uma autonomia que nos permita mais seguramente alcançar este objectivo, mediante uma Direcção própria que sinta e sofra os problemas e oriente e exija. Já é assim em Moçambique e tem de ser também com as nossas Escolas em Angola.

O aproveitamento escolar (e profissional relativamente àqueles adolescentes e jovens que não têm capacidade e/ou vocação para seguirem uma via de estudo) tem de ser critério firme na regência das nossas Casas, que não são para entreter o tempo nem lugares de engorda senão para os animais que criamos para a nossa alimentação.

\* \* \*

No Dia da Criança, que é feriado em Angola, três dezenas dos nossos mais pequenos participaram no *Pavilhão das Acácias Rubras* numa festa dedicada às crianças com respectivo lanchonete.

À tarde fomos visitados por um grupo de Jovens, os ABADA — grupo da «Capoeira» (me perdoem se o nome não estiver exacto) que actuaram com seus exercícios de ginástica rítmica no nosso Salão

de Festas e de Lazer. Foi hora e meia de saudável entretenimento, a que aderiram com mais ou menos jeito, vários dos nossos adolescentes, alguns «Batatinhas» e poucos dos maiores.

Mal tive tempo de lhes agradecer, então, mas faço-o agora e espero que lhes cheguem exemplares deste número d'O GAIATO. E mais que a diversão que nos proporcionaram, quero sublinhar o exemplo que deram aos nossos rapazes: — pela escolha de uma ocupação que lhes preenche tempos livres e os irmana numa organização toda e só do grupo cujo líder anda pelos vinte e poucos anos;

— pela iniciativa de virem até nós com total autonomia de meios, que nem as nossas carrinhas foram precisas para o transporte;

— pela generosidade dos brinquedos e outros brindes que trouxeram para os mais pequeninos, comprados das suas magras economias, os quais, não chegando um para cada qual, proporcionaram o último número do programa: jogos entre os miúdos que indicassem o vencedor e destinatário da prenda.

Obrigados por esta boa lição, o melhor de tudo que foi bom ao longo daquela hora e meia de convívio. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

*O Evangelho, meus senhores, é uma exactidão tremenda! É uma força terrível! Se alguém te disser do doce Rabi da Galileia, não faças caso. São poetas a fazer renda. Mas quando os pregadores da Cruz falam do Revolucionário que veio ao mundo para trazer a espada, então sim. Escuta. E se tens coragem faz-te tu também um revolucionário à Sua moda. □*

## BENGUELA

Padre Manuel António

### Promoção humana

REGRESSEI à nossa Casa do Gaiato de Benguela. As provas de carinho, manifestadas ao longo dos dias, durante a minha ausência, estão muito vivas na minha memória. Agradeço de todo o coração. É preciso avançar, de mãos dadas, pelo caminho do nosso povo, para a meta da vida humanamente digna. A pobreza extrema e a miséria são o abismo que não nos deixa viver tranquilos e indiferentes.

O discurso da apresentação ao povo do novo Governador da Província de Benguela vai ao encontro das necessidades vitais da população. Propõe-se trabalhar pela erradicação da pobreza, a melhoria da educação, com o aumento do índice de alfabetização e a criação de novas escolas. Outros pontos importantes também fazem parte do seu programa de governo: a melhoria da assistência médica e medicamentosa, bem como a distribuição de água potável, energia eléctrica e saneamento básico. Quem dera sejam dados passos em frente, no terreno! Quem dera que todo o trabalho seja o amor tornado visível!

A nossa Casa do Gaiato de Benguela está em sintonia plena com este desejo. Ontem, um pai de família veio pedir ajuda para comprar um camião de pedra e outro de areia para a construção definitiva da sua casa. Esta manhã, algumas mães com seus filhos seguiram para o posto médico. Todo este serviço, mais os remédios, ficam por nossa conta. É o Pão-nosso de cada dia com o sabor do carinho maternal e da justiça. Vamos continuar o serviço da promoção humana, dentro e fora da nossa Casa, enquanto tivermos força.

As crianças ocupam um lugar privilegiado. O mês de Junho, em Angola, tem uma conotação muito especial com a criança. O dia 1 é o seu dia mundial. Ocupa o centro de muitas reflexões. Não podemos, porém, separar a criança da família. O equilíbrio familiar só é possível com o suporte da unidade e a estabilidade com a alma do amor. Doutra forma temos nos filhos as principais vítimas inocentes da sociedade. Nas crianças de hoje vemos a nação do futuro. Por isso, é necessária toda a atenção possível às crianças. Não apenas no mês de Junho, mas em todos os dias do ano.

A criança tem direito a viver com o pai e a mãe, num clima de paz, fruto do amor. Fico triste, quando vejo os filhos, ao colo de muitas mães a quem pergunto pelos pais das crianças. Desapareceram! É a resposta dada, com naturalidade! Não podemos desanimar. Porém, os altos responsáveis pelos direitos da criança devem fazer todos os esforços na busca de remédio para tão grande mal.

O dia 16 de Junho foi dedicado à criança africana. A nossa Casa foi palco dum encontro oficial, em que participaram algumas centenas. Um dos temas foi a violência familiar contra as crianças. Recordo-me do pedido de internamento, em nossa Casa, dum filho que os pais não podiam suportar. As relações entre o homem e a mulher eram marcadas pela violência dum campo de batalha. Assim confessou o pai deste filho. Víctima inocente! O mundo das crianças pede-nos, em verdade, muito amor. Pede o dom da vida aos pais e aos que assumem o lugar dos pais. Ninguém deve ficar indiferente, na sociedade, perante o futuro que está nas crianças de hoje. □

cunhâncias, uma sessão recreativa de arte, com dois animadores ao microfone. O Aique e Benedito e três no som o Elias, Langane e Martins. Todos se esmeraram. A cantar, declamar, dançar. Não costume apreciar, mas nossos grupos 25 graus e o Street Dance espantaram-me. Do que eles são capazes! Só visto. E pensar que tanto esforço fazemos para incutir outros valores também, mas é tão difícil cativá-los. Com dança vai tudo. Até a fome.

Por último o nosso amigo Stewart Sukuma encantou com as suas canções e pôs em delírio,

quando convidou todo mundo para dançar, com ele e os seus bailarinos Tofo Tofo, a Marrabenta. A tarde chegou ao fim depressa e todos regressaram ao seu lugar. E deve ter sido tanta a fatura que hoje um dos mais pequenos não foi à Escola e encontrado pelo campo, quando lhe perguntaram porquê, respondeu que quer ser cantor. Como é belo sonhar quando se é criança. Também o Aique recebeu convite e vai estagiar na 99 FM que fez a cobertura de rádio e vídeo. Como é bom ser criança e receber amor de todos os que sabem amar. □

## MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

### Dia Mundial da Criança

DECORREU em nossa Casa a celebração do Dia Mundial da Criança, em conjunto com oitenta e três meninas do Orfanato Halima, daqui bem perto, mais do Centro Social de Matalana, a terra de Malangatana. Cerca de quatrocentas crianças. A Academia do Bacalhau de Maputo, promoveu e custeou, transportes, alimentação, camisetas adequadas, brinquedos e refeições.

Tudo começou com a Celebração Eucarística. O dia não tinha sol, mas a nossa grande Capela, cheia como estava, irradiava alegria. Como é linda assim! Embora dia da Santíssima Trindade, nada mais aconchegante para experimentar a vivência de Deus Família. Todos éramos ali a família de Deus, porque n'Ele temos a vida, a existência e o amor, experimentado por cada um dos presentes, nos cuidados que recebe. E a propósito uma reflexão sobre os

direitos da Criança que apregoar e subscrever em todas as nações é implicitamente reconhecer que não são observados. Evidentemente para estes não era o caso, porque o “nosso auxílio vem do Senhor” que todos fez à Sua imagem e semelhança. Compreendemos e vivemos esta Palavra. Mas todos eles, ali presentes, precisam aprender a reconhecê-los nos outros, para que no amanhã, o seu país alcançado o desenvolvimento, dê cobertura aos Direitos Humanos de todos os cidadãos. A nossa Celebração foi bem tecida com cânticos apropriados e danças esmeradas, agora que temos o Aique na Escola de canto e dança. No final, as meninas e o conjunto de crianças de Matalane, quiseram cantar em Changana algumas das suas canções.

Logo após todos saíram e em grupos se aproximaram da grande sala de informática para receber

um pequeno lanche com um refrigerante.

Conforme as opções formaram-se grupos de pintura com um Pintor a orientar, grupos na Escolinha com as monitoras, na sala aberta com recreação dirigida pelo Professor Nicolau, antigo gaiato, grupos de vôlei, futebol de salão, uma grande burricada para animar os mais pequeninos visitantes que quisessem experimentar a mansidão dos animais. Outros enfim nos baloiços e escorrega da Escola. Houve variadíssimas opções, para que todos estivessem entretidos.

Chegada a Hora do almoço só os convidados vieram para o refeitório, onde foram bem servidos pelos rapazes mais velhos. Todas as Crianças receberam a sua refeição, bem confeccionada e todos ficaram saciados. Cada um sentou-se onde escolheu.

Pelas duas iniciou-se na Capela que acolhe também nestas cir-